

## Conclusão

É o historiador Arnold Toynbee (1981, p. 53) quem escreveu que “não existe consolo na lembrança de que o homem vem cometendo as mesmas loucuras e crimes desde o começo da história e ainda está no mapa”.

Nos tempos atuais, são várias as vozes que nos alertam sobre as consequências de nossas atitudes em relação ao planeta e à vida. Parece-me que após a “Verdade inconveniente” de Al Gore (2006), as alterações climáticas oriundas da poluição industrial descontrolada dos chamados países ricos, entre outros fatores, tornou-se uma preocupação real de cidadãos, empresas e governos em diferentes países do mundo.

Independentemente de buscar responsáveis pela crise ambiental - sem precedentes na história de nossa civilização, agora todos nós teremos que pagar a conta para reverter e compensar os estragos causados. A boa notícia é que a comunicação nunca teve tantas opções e facilidades tecnológicas para nos apoiar neste desafio.

Se uma catástrofe ambiental como a da explosão da plataforma da BP no Golfo do México (2010) ou o vazamento da Chevron na Bacia de Campos (2011), assim como a enchente de lama de bauxita na Hungria (2011) ou o acidente nuclear de Fukushima no Japão (2011), bem como diversos outros, desconhecem as fronteiras traçadas pelas fronteiras políticas e a cartografia matemática dos mapas, a comunicação pode quebrar barreiras e aproximar pessoas, governos e empresas na busca de soluções e parcerias nestes momentos de crise, bem como na prevenção de novos riscos e acidentes.

Num cenário de futuras transformações, tanto as empresas como os seus comunicadores, independentemente da coerência entre o discurso e a prática da sustentabilidade, deverão perceber e atuar de forma positiva para alcançar a sustentabilidade, com risco de verem seus negócios desaparecer caso não o façam. Como disse a jornalista Sonia Araripe se a sustentabilidade torna-se a cada dia uma celebridade empresarial, mais do que um novo modismo “é preciso entender que ela veio para ficar” e que o mundo moderno não permite mais

relacionamentos que não sejam no mínimo “cordiais”.

Quem sabe não seja na cordialidade, hábito conhecido da nossa espécie, juntamente com o cuidado, que a civilização atual - cujo crescimento econômico e a rentabilidade dos negócios foi sempre gerada através da poluição e da extinção de recursos naturais vai revelar o caminho para um futuro sustentável.

Sabemos que há muito que se aprender quando o tema é o cuidar, tradução que nos parece a mais adequada e simples do que realmente seria a tal “sustentabilidade”. E uma “comunicação pelo cuidado” pode servir de exemplo para uma verdadeira “biocivilização” neste milênio.

O filósofo Martin Heidegger já escreveu em seu “Ser e Tempo” (1927) que o cuidar é fundamental e se não tomarmos o cuidado por base, não conseguiremos avançar como seres humanos. O cuidado é um modo de estar presente e de relação com todas as coisas do mundo.

Para Bernardo Toro (2009) “ou aprendemos a cuidar, ou pereceremos” afirmando que o cuidado é um valor que se relaciona não só com a saúde, a questão emocional ou ligada à espiritualidade “mas também com a segurança pública, comunicação e educação”.

O “saber cuidar” de Toro é um novo paradigma ético urgente e valioso porque é no cuidado que prevenimos danos futuros e reparamos e regeneramos danos passados. O cuidado, portanto não é uma opção. É uma nova ética que permite evitar o temor de nosso desaparecimento, pois vai representar uma nova inteligência altruísta e solidária. Uma inteligência que sabe cuidar de vínculos afetivos.

Imagino que o cuidar carregue em si a semente da esperança, de um semear constante de um amanhã mais fraterno e solidário que por força de seus vínculos nunca mais permita que se transforme a própria vida numa mercadoria descartável, vendida em liquidação dos *shoppings centers*. Para fazer realizar esta utopia não vejo outro caminho senão a conversa e o diálogo entre povos e culturas.

Se foi o diálogo que produziu o Relatório Brundtland, por exemplo, foi a falta dele que comprometeu os resultados do Protocolo de Quioto ou da COP 15 na Dinamarca. Não basta reunir diferentes líderes e acreditar que a conversa será produtiva, franca, honesta ou mesmo fácil. Principalmente numa sociedade com mentalidade competitiva, onde países disputam espaços comerciais para vender seus produtos e gerar empregos a partir de uma economia baseada no aumento ininterrupto do consumo como alavanca para o progresso.

Nesse sentido, vejo o modelo de produção e crescimento econômico, do qual vivemos hoje (e ainda não temos uma saída para ele) como o inverso do cuidado. Ninguém vai cuidar do que é descartável e ninguém vai dar valor ao que não serve para consumir e ser consumido.

Sair, portanto desse piloto automático comportamental, que dilapida o patrimônio natural comum reproduzindo uma sociedade de “com-sumidores” é uma meta audaciosa, pois rompe com um modelo mental entranhado em corações e mentes.

Basta lembrar que no distante ano de 1896, o químico sueco Arrhenius mostrou que a queima de combustíveis fósseis produzia dióxido de carbono e previu que a temperatura aumentaria 5°C com o dobro de CO<sub>2</sub> na atmosfera terrestre. E o que vemos hoje senão o aumento do consumo de automóveis poluentes, numa proporção que só faz aumentar os gigantescos engarrafamentos? Tal comportamento me parece o completo oposto à ética do cuidar.

Mas que ninguém fique em pânico. Afinal, não seria o diálogo algo obrigatório em momentos de crise? Não é fato que após denúncias de trabalho escravo algumas marcas conhecidas da indústria do vestuário tomam providências e aperfeiçoam seus processos de ouvidoria e suas relações trabalhistas?

Também não seria o diálogo inerente aos organismos vivos e assim ligados umbilicalmente à vida? O que é a reprodução das células de um corpo, o seu fluxo de estímulos nervosos, a combinação entre as raízes de uma planta e a fertilidade do solo, o processo de fotossíntese combinado entre as folhas verdes e a luz do Sol e no próprio ato de amar, senão um exemplo do diálogo que a vida nos

ensina?

Por isso, o papel do comunicador para uma sociedade sustentável vai propiciar novas e amplas habilidades. Não só “mudanças de paradigma e participação comunitária, estando atento às estratégias de responsabilidade socioambiental” (Sulaiman, 2010), habilidades interculturais buscando “identificar, esclarecer e consensuar mudanças culturais necessárias para a sustentabilidade de organizações, redes e territórios” (Ashley, 2010), além de conhecimento teórico e vivência em “ética do cuidado e ecosofia, integradas na extensão, pesquisa e ensino durante sua formação superior” (*idem*).

No caso da BP, nossa conclusão é a de que sua comunicação atendeu a demandas tradicionais de mercado, cujo foco ainda é puramente econômico, não se revelando de fato uma comunicação inovadora, “*beyond petroleum*”.

Assim, nos parece, tanto na análise dos itens das Tabelas 1 e 2 (páginas 86 e 87) apresentadas sobre segurança e meio ambiente da BP, que fica notório que toda a trajetória passada de sustentabilidade da empresa, lembrada pelo executivo no trecho inicial, nunca foi compatível de fato com a sua realidade.

Enquanto a comunicação apresenta uma tendência, construindo uma imagem da empresa, a força permanente dos acidentes, dos vazamentos e mortes questiona de maneira profunda o discurso vigente. Faltam cuidados básicos.

Entendemos assim que o papel do comunicador deve ser o de espelhar e estimular o cuidado como um ato de genuína sustentabilidade. A sustentabilidade como ato de comunicação, pois de diálogo e interlocução constante entre diferentes atores sociais, enquanto tradução de uma postura ética pode partir do hábito individual - de um pequeno gesto cuidadoso ou uma simples gentileza aparentemente insignificante; até uma mudança nas organizações industriais e instituições políticas que afetam o planeta inteiro.

Como escreveu Hanna Arendt (1969) “exigir o impossível a fim de obter o possível” é o desafio de uma sustentabilidade civilizatória que já estamos enfrentando. Desafio este que terá comunicadores como educadores e o diálogo como ponte de uma nova ética. Para nós, uma ética do cuidar.